

Quando vi *Teresa de novo* — Os olhos guardam a mesma expressão mas o corpo ganhou novos contornos, amadureceu. *Teresa* continua sendo a revista do programa de pós-graduação da área de Literatura Brasileira, aberta a todos os professores e orientandos, refletindo um processo iniciado no sentido de contribuir para a criação de projetos coletivos envolvendo o conjunto da Área.

O primeiro aspecto a ser destacado é que a comissão executiva incorporou novos membros, abriu-se a uma maior participação, ampliou sua capacidade de trabalho. O segundo é que, sem deixar de estar profundamente enraizada na Universidade de São Paulo, *Tereza* adquiriu uma postura mais nacional. Foi com surpresa e satisfação que recebeu inúmeras colaborações vindas de diferentes instituições do país. O que era ambição de longo prazo tornou-se uma possibilidade concreta. Embora ainda não esteja inteiramente habilitada a dar vazão ao grande número de textos recebidos, a revista assume o compromisso de ampliar cada vez mais os espaços de diálogo.

A nossa preocupação é sublinhar as linhas de força presentes desde o primeiro número. Por isso, a seção “Página aberta” volta a sinalizar para outros desdobramentos do “Seminário sobre crítica literária” promovido pela área em 1999, — o número inicial trazia um ensaio de Alfredo Bosi, “Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão na história literária” — nesta segunda entrega, João Adolfo Hansen comparece com “Barroco, neobarroco e outras ruínas” Seguem a este outros ensaios: o de Ricardo Martins Valle (sobre Cláudio Manuel da Costa), o de Luiz Roncari (sobre *Grande sertão: veredas*, parte de sua tese de livre docência), o de Luís Bueno (sobre Guimarães Rosa e Clarice Lispector) e o de Maria Salete Magnoni (que rastreia leituras de Lima Barreto).

A seção “Documento” traz um dossiê sobre Graciliano Ramos, contemplando textos de difícil acesso, alguns conhecidos apenas por especialistas e outros ainda inéditos. Este é o caso de “Édipo guarda-livros — leitura de Caetés”, contribuição original de João Luiz Lafetá, fazia parte de seu projeto de livre docência e sua publicação tem aqui também o caráter de homenagem a um intelectual e amigo que tão cedo nos deixou. Visando compor uma pequena fortuna crítica, selecionamos dois

artigos de Roger Bastide, “O mundo trágico de Graciliano Ramos” (1947) e “Graciliano Ramos”, este último publicado na revista *Mercure de France* (1958) e traduzido por Gloria Carneiro do Amaral especialmente para *Teresa*. Dentro desta mesma perspectiva, republicamos dois textos de Rubem Braga, um sobre *Vidas secas*, de 1938, e o discurso enviado para a homenagem aos cinquenta anos do romancista, realizada no restaurante Lido, em 1942. Otto Maria Carpeaux também figura com “Graciliano e seu intérprete”, artigo sobre a excelente leitura feita por Floriano Gonçalves, e a crônica “Amigo Graciliano”. Estes dois últimos textos fazem parte da pesquisa de Zenir Campos Reis, que também assina o ensaio “Sinal de menos”, sobre a correspondência de Graciliano. Esse dossiê não seria possível sem a sua colaboração.

Encerrando a pesquisa publicamos uma crônica inédita do próprio Graciliano que chegou até a pesquisadora Nádia R.M.C. Bumirgh por intermédio de um funcionário da Casa Museu Graciliano Ramos, em Palmeira dos Índios, o sr. João Tenório Pereira — num gesto de generosidade, estendido agora ao público desta revista. Neste texto, Graciliano esclarece seu posicionamento no concurso *Humberto de Campos*, instituído pela Livraria José Olympio, em 1937, no qual participou como membro do júri, ocasião em que Guimarães Rosa teve um volume de contos — que mais tarde comporia *Sagarana* —, preterido pela diferença de um voto.

Dentre os muitos fios que costuram *Thereza* figuram as narrativas de Modesto Carone, Ayde Lopes, David Oscar, Nelson de Oliveira; os poemas de Alcides Villaça, Valentim Facioli e Gabriel Albuquerque; as resenhas de Antonio Arnoni Prado, Leila V. B. Gouvêa, Luís Augusto Fischer, Elizabeth Ziani. Todos atravessados pelo trançado inteligente de Tunga, um dos nomes mais importantes da nossa arte contemporânea.

A cada número, a revista vai cumprindo seu destino — e, se uma última nota cabe aqui, mas não a menos importante, é para o trabalho de equipe, fascinante por participar de um projeto coletivo que vai contra a cultura de nosso tempo. Que esta *Teresa* seja como aquela corda tênue e rústica usada para transpor muros, que os lençóis atados por um sonho maior reúnam nossos pequenos sonhos particulares num fio que nos justifique. *Teresa* agora já tem um passado. No próximo ano, o leitor talvez possa dizer — *Da terceira vez...*